

Perdas da classe média são reconhecidas

BRUXELAS — Em seu improviso para os europarlamentares, o presidente Fernando Henrique Cardoso reconheceu que a classe média está pagando a conta do Plano Real. Ao dissertar sobre a queda da inflação de 5.000% ao ano “para algo entre 1% e 2% no mês passado e que em setembro pode chegar a zero”, ele lembrou que isso só foi possível graças à “perda de vantagem relativa para certos grupos e à uma restrição a ímpetus de expansão de consumo”.

“Evidentemente alguns perdem, e perdem pela primeira vez setores poderosos que não estavam habituados a perder. Perdem mesmo setores da classe média porque não se pode importar serviços e, numa primeira fase da esta-

bilização, o preço dos serviços aumenta”, afirmou, negando contudo que tudo isso tenha levado o país à recessão: “No fim deste ano, vamos nos aproximar de uma taxa de crescimento de 5%.”

Cardoso fez em seguida uma veemente defesa da reforma do Estado e disse que um país como o Brasil — “com muita pobreza e desigualdades” — não pode dispensar políticas públicas. Aproveitou para criticar teses neoliberais, tão caras ao PFL: “São vãs as teorias que pensam que basta emagrecer o Estado para que o mercado engorde e, engordado o mercado, a prosperidade se generalize”.

“Nesta reestruturação do Estado,

entra o tema da privatização, porque o Estado deixou de ser a mola exclusiva de crescimento para ser um Estado capaz de sinalizar, de atrair investimentos, de regulamentar, de fiscalizar e permitir que haja um esforço conjunto do setor produtivo privado com os designios do país através das políticas públicas”, ressaltou.

A integração hemisférica também constou do improviso: “Temos que nos preparar. Não haverá zona de livre comércio em 1005 sem o fortalecimento do Mercosul, sem que os dois grandes países do hemisfério, Estados Unidos e Brasil (sem minimizar a importância dos demais) encontrem pontos de convergência”, ensinou.